



Leitura literária digital infantojuvenil em contexto pedagógico - Apresentação

Ana Maria Machado^(a); Ana Marques da Silva^(b); Daniela Côrtes Maduro^(c)

a Universidade de Coimbra (CLP) – anamariamachado59@gmail.com

b Universidade de Coimbra (CLP) – ana.marques.silva@gmail.com

c Universidade de Coimbra (CLP) – [N/E]

A literatura digital reconfigura os estudos literários ao problematizar frequentemente o estatuto do texto e as condições de autoria e de leitura. No contexto da didática da língua e da literatura, as reconfigurações teóricas trazidas pela literatura digital podem ser mobilizadas para potenciar o ensino-aprendizagem, sobretudo no que diz respeito à competência leitora. O dossier "Leitura literária digital infantojuvenil em contexto pedagógico" propõe um contributo para esta problemática, ao articular um conjunto de reflexões sobre a intersecção entre literatura digital, literatura infantojuvenil e didática, com uma seleção de artigos que abordam, de modo convergente, as transformações da leitura literária em ambientes digitais, tomando como eixos a formação leitora e o prazer da leitura, a literatura gerada por computador, a narrativa e o mito, a fantasia e os contos de fadas, a remediação digital e a multissemiotização, a tradução e a reconfiguração das relações entre autoria e receção.

O presente dossier surge ligado ao trabalho desenvolvido com os alunos no âmbito dos Mestrados em Ensino de Português, mas também ao “Colóquio Internacional: Leitura literária digital infantojuvenil em contexto pedagógico” que decorreu na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 2024. No contexto dos seminários de Português, do ano letivo de 2023-2024, os então mestrandos foram desafiados a iniciar uma introdução da literatura digital nos níveis de ensino das suas turmas de estágio. Tratou-se, pois, de capitalizar experiências didáticas anteriores e de proceder, de uma forma integrada, à lecionação deste conteúdo em articulação com as orientações das Aprendizagens Essenciais do Português (2018) e do Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória (2017), os normativos educativos em vigor. Apesar de estes referenciais nacionais não mencionarem a literatura digital, há neles referências ao ambiente digital, a textos multimodais e a literacias múltiplas, sem, todavia, haver um apelo a um olhar crítico, ético ou criativo sobre estes ambientes. Ainda assim, os contornos genéricos com que são recomendados admitem a inclusão da literatura eletrónica. Foi com este escasso enquadramento que foi gizado o projeto de Introdução da Literatura Digital no Ensino de Português no âmbito do estágio de Português de cinco estudantes dos mestrados em ensino. As experiências de docência da literatura digital anteriores haviam sido ditadas por contactos mais ou menos dispersos ou discutidas no âmbito de ações de formação enquadradas na Formação Contínua de Professores.

Não obstante toda a discussão, nalgumas faixas etárias não muito conclusiva, em torno da digitalização do sistema de ensino, a possibilidade de dar a ler uma nova forma literária oferece-se, não apenas no domínio da educação literária e da capacitação digital, mas como estratégia para contrariar quer a hiperatenção quer a perceção sobre a leitura digital consumista, rápida e superficial.

Assim, se por um lado se estimulava o desenvolvimento de competências de literacia digital e a compreensão do universo digital, no campo literário, ultrapassada a surpresa da experiência inicial, os alunos eram confrontados com a necessidade de (re)leituras lentas e de close readings, bem como com o estranhamento, a desautomatização e a questionação do modo de ler. Esperava-se, pois, que um tal percurso, conjugado como a atratividade do digital, viesse a suscitar neles a curiosidade pelo objeto literário com que estavam a interagir. Os estudos sobre a relação com os ecrãs não parecem acreditar na transferência de competências entre o papel e o digital, mas, como alguns autores começam a verbalizar o que parecia óbvio: é necessário ensinar a ler digitalmente. Justamente, a leitura de literatura eletrónica pode contribuir para esse escopo e a metacognição que envolve pode acordar estratégias de leitura que, muitas vezes, a familiaridade com o impresso já negligenciou. Neste sentido, e apenas como hipótese não testada, seria interessante, num projeto futuro, indagar se a transacionalidade exercitada com a literatura eletrónica se repercutiria com a literatura analógica, onde o código verbal tem grande preponderância..

Sem querer transformar a leitura da literatura eletrónica na solução para a apatia com que a literatura é frequentemente encarada na sala de aula, afigura-se crível que, do ponto de vista da motivação, a literatura digital tenha um enorme potencial para motivar leitores mais relutantes que, por esta via, descubrem obras, geralmente breves e interativas, suscetíveis de estabelecer uma ponte com as suas práticas culturais, mas também com as leituras literárias exigidas pela escola. Como outros notaram, as obras digitais propiciam uma nova forma de prazer tanto pela navegabilidade e pela dimensão sensorial, como pelo grau de imersão tecnológica. Finalmente, a introdução da dimensão interartística, multimodal e intermedial da literatura digital, em contexto escolar, cumpre o estabelecimento de relação entre diferentes linguagens e domínios

artísticos para que apontam tanto as Aprendizagens Essenciais como o Perfil dos Alunos à Saída do Ensino Obrigatório. Estes foram os pressupostos em que assentaram os trabalhos assinados por Ana Maria Machado, professora dos Seminários de Português e orientadora da unidade curricular Estágio e Relatório e pelas mestres Carina Almeida e Joana Marques, e pelos agora doutorandos Adriana Moreira, Carla Curado e Nuno Pessoa, os cinco estudantes que integraram esta iniciativa.

O presente projeto limitou-se a três obras eletrónicas por estagiário: Alice Inanimada, de Kate Pulinger, episódios 1 e 2 (2005), a remediação digital do poema “D. Dinis” de Fernando Pessoa (1934), por Ana Maria Machado e Jaqueline Conte (2025) e Perda de controlo, de Serge Bouchardon (2018). Como, para justificar a introdução da literatura eletrónica nos dois ciclos, não bastava a fundamentação antes explanada e subjacente ao projeto, era necessário proceder a uma mais visível integração do conteúdo novo. Neste sentido, e seguindo práticas adotadas por colegas que, noutros países, realizaram projetos análogos, optou-se por explorar conexões temáticas entre as obras introduzidas e outras integradas nas Aprendizagens Essenciais de Português. Concretamente, os temas abordados no episódio China, da novela transmedia Alice Inanimada, foram confrontados com o conto de Teolinda Gersão (2007), Avó e neto contra vento e areia, e, no caso do segundo episódio, Itália, com a novela Cavaleiro da Dinamarca, de Sophia de Mello Breyner Andresen (1964). No Ensino Secundário, na turma de 12.º ano, o estudo do poema D. Dinis de Fernando Pessoa foi aprofundado com a remediação digital do poema (Machado & Conte, 2025). A obra de Serge Bouchardon foi estudada, no 11.º ano a propósito do Frei Luís de Sousa, de Almeida Garrett (1844) e, no 12.º, procedeu-se a uma análise comparativa com excertos de O ano da morte de Ricardo Reis, de José Saramago (1982).

A experiência desenvolvida teve resultados francamente positivos. Os planos de aula, pensados em conjunto, tiveram uma primeira fase excessivamente ambiciosa que, todavia, permitiu que, na etapa seguinte, se procedesse a uma maior adequação das atividades aos exíguos quatro tempos letivos disponíveis para a sua execução. A discussão sobre as obras desenvolveu-se a partir de dois questionários. O primeiro, mais breve, destinado a aferir a compreensão geral após uma primeira leitura da obra, e o segundo, mais detalhado e atento à ontologia do meio. Em ambos os casos, ao registo individual das respostas, seguiu-se um momento de partilha, com correção e comentários mínimos às respostas ao primeiro questionário, e, mais alargados, a propósito das respostas ao segundo. Não obstante a novidade do conteúdo introduzido, a avaliação dos resultados correspondeu às características da turma. A diferença residuiu sobretudo no grau de envolvimento dos alunos com as obras e na adesão geral à especificidade da literatura.

Tal como se lê nos dois artigos daqueles autores, a escassez de tempo e a logística foram os grandes adversários do projeto, uma constatação que obriga a questionar as condições materiais da transição para o digital em implementação nas escolas portuguesas, sobretudo ao nível da manutenção dos recursos instalados. Numa avaliação global do projeto, fica muito claro o excesso de ambição dos segundos questionários da primeira experiência didática e a necessária redução do número de perguntas na segunda didatização. Para a avaliação da eventual repercussão da close reading da obra digital na leitura tradicional teria sido necessária a realização de um pré-teste e de um pós-teste com textos impressos, de modo a verificar se os mecanismos cognitivos acionados na leitura digital se transfeririam numa leitura mais cooperativa, como, por exemplo, numa maior sensibilidade para as descrições ou numa ativação mais produtiva de imagens mentais.

Do ponto de vista dos objetivos de ensino definidos pelos documentos reguladores, nesta primeira tentativa de introdução integrada da literatura digital no ensino do Português, a planificação e a execução em aula procuraram responder aos quesitos da educação literária, quer ao nível da interpretação das obras em si, quer da exploração do diálogo interartístico que subsumem, acrescentando, naturalmente, a exposição a uma nova forma literária e a um novo paradigma de leitura literária.

Para além dos artigos redigidos pelo grupo de alunos dos Mestrados em Ensino de Português, o presente dossier apresenta aos leitores da *Texto Digital* o trabalho de diversos investigadores centrados no ensino de literatura com recurso ao meio digital. Atentando na formação de leitores, Ana Albuquerque e Aguilar oferece um testemunho sobre o modo como iniciativas digitais em São Tomé e Príncipe podem promover a leitura literária, a educação literária e a literacia digital, apesar das limitações estruturais, do difícil acesso ao livro e das desigualdades no acesso a recursos educativos. A partir da criação do Repositório Digital do Ministério da Educação, do Programa Nacional de Aprendizagem Digital e da adoção da plataforma Learning Passport, destaca-se o curso “Baú Nón”, pensado como espaço digital de divulgação, preservação e mediação da literatura santomense e africana. A iniciativa é analisada como resposta pedagógica e cultural ao baixo acesso a livros impressos e ao consequente difícil contacto com textos literários. Defende-se, enfim, que o digital pode ampliar o acesso à literatura e desenvolver competências críticas e criativas, criando novas formas de mediação cultural e educativa.

A leitura literária em ambientes digitais é discutida a partir da poesia combinatória de Pedro Barbosa. Ana Marques destaca as implicações da temporalidade nas estratégias de leitura de textos variáveis e dinâmicos. Nesse panorama, as possíveis aplicações didáticas da poesia combinatória apontam para atividades de desconstrução e construção textual,

articulando, em sala de aula, o estudo de categorias gramaticais com exercícios de escrita criativa.

A transposição de textos poéticos infanto-juvenis do meio impresso para o digital surge como problema teórico e prático que coloca em cena as relações entre leitura, semiose e imaginação. Jaqueline Conte discute como o meio digital, quando mobilizado para ativar o “lugar vazio” do texto, entendido como espaço interpretativo a ser preenchido pela experiência do leitor, pode, com efeito ampliar a leitura. Argumenta-se, assim, que recursos multimodais não são, em si, determinantes da qualidade da leitura, mas antes que o fator decisivo está na forma como tais recursos reconfiguram a lacuna textual e estimulam a abertura interpretativa.

No âmbito da narrativa, e a partir da análise de *Chapeuzinho Vermelho*, Thales Estefani compara três experiências narrativas em suportes mediais diferentes --o livro ilustrado, o aplicativo de smartphone e o video-jogo em realidade virtual-- para demonstrar como a variação mediática gera regimes distintos de realidade ficcional para a mesma história. Com base em estudos de narratologia transmediática e de cognição corporificada e distribuída, o artigo discute como diferentes experiências da ficcionalidade influenciam a transferência de conhecimento da ficção para a realidade imediata.

Ainda no contexto do ensino escolar da literatura, podem ler-se dois artigos integrados no projeto “Avaliando a leitura: apoio de ferramenta de anotação para atividade metacognitiva”, desenvolvido no ano letivo de 2025-2026, com o Núcleo de Pesquisa em Informática, Literatura e Linguística (NuPILL) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e com a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Com o objetivo de tornar a leitura digital objeto de ensino e a possibilidade de o fazer com

o auxílio do Digital Library Notes (DLNotes), uma ferramenta de anotações digitais livres e semânticas destinadas a fomentar uma leitura ativa do texto literário, neste caso digitalizado, Ana Maria Machado explica os contornos do trabalho desenvolvido no contexto do mestrado em Ensino de Português e, mediamente, no âmbito da disciplina de Português do 11.º e do 12.º anos do ensino secundário. Alexandra Guimarães, por seu turno, analisa os resultados da introdução do DLNotes no ensino superior pós-graduado, destacando o incremento de práticas transacionais do texto literário.

No seu conjunto, os artigos que constituem o presente dossier convergem numa reflexão sobre a leitura literária enquanto processo materialmente situado, dependente das relações entre suportes mediais, ecologias semióticas e práticas de participação leitora. A literatura digital infanto-juvenil é assim pensada como um espaço em que se reorganizam temporalidades, regimes de ficcionalidade, modos de tradução cultural e estratégias pedagógicas, redefinindo continuamente os caminhos pelos quais o sentido literário é construído e partilhado.

Para além do dossiê, há artigos deveras interessantes. As questões linguísticas e de tradução também são contempladas neste conjunto temático. Yujie Cai e Sharmini Abdullah discutem a aplicabilidade de modelos clássicos de tradução à tradução audiovisual, a partir da análise de 50 expressões metafóricas do documentário chinês *A Bite of China*. Os resultados apontam uma inadequação desses modelos, resultando na perda do potencial metafórico. Para responder a essas lacunas, propõe-se um modelo analítico híbrido e defende-se a tradução de metáforas em contexto de legendagem como uma reconstrução intercultural motivada pela interação entre os canais verbal, visual e auditivo.

Enveredando nos territórios do pós-humano, Renan Monezi Lemes discute os limites da literacia digital, particularmente no seu encontro com a inteligência artificial generativa. O artigo defende a necessidade de uma revisão epistemológica que reconheça a cognição como fenômeno distribuído entre agentes humanos e não humanos, e discute a noção de literacia ciborgue como estratégia para ampliar as literacias anteriores, pensando a pedagogia como uma ecologia cognitiva, na qual os processos de aprendizagem incluem a correspondência e a coexistência com o outro, tanto biológico quanto maquínico.

Partindo da experiência da pandemia da Covid-19, Aparecida Estevam e Diana Saldanha discutem o papel do professor na formação leitora através do ato de contar histórias em contexto de ensino remoto. O artigo discute os desafios e as possibilidades vividas por duas professoras do Ensino Fundamental - Anos Iniciais numa escola pública e demonstra a relevância da mediação da leitura e da adaptação criativa no despertar do prazer da leitura, destacando ainda, e por outro lado, a importância do investimento em políticas públicas orientadas para a docência.

No contexto da cultura pop e das plataformas participativas, Cláudio Moura analisa a Fantasia enquanto matriz simbólica e epistemológica que se expande em ecossistemas multissemióticos. Partindo da ideia de criação de mundos e mitos, sustenta-se que a Fantasia não é apenas um modo narrativo, mas também um modelo cognitivo e criativo. O artigo examina como a convergência mediática e as plataformas participativas alteraram a Fantasia, tornando o público coautor e expandindo os mundos em sistemas transmediáticos e dinâmicos.

Já no contexto da autopublicação em ambiente digital, Vinícius Carvalho Pereira e João Pedro Bernardo analisam os modos como diferentes plataformas dialogam entre si e como essas relações mediais impactam a

textualidade e os modos de circulação literária. O seu artigo discute os conceitos de plataforma de autopublicação, intermedialidade, remediação e ainda as estratégias de leitura em interfaces digitais.

No que concerne a poesia visual contemporânea brasileira que nasce nas redes sociais digitais e se inscreve depois no regime impresso, Clarce Freire, André Araújo e Roberta Caiado discutem como esse percurso reconfigura as relações entre autoria, leitura e criação. Usando o conceito de contra-assinatura, demonstram como o leitor tem um papel ativo e performativo: ao compartilhar, recriar e ressignificar as obras, tornando-se assim coautor. A partir da análise de poesia visual publicada no Instagram, o artigo reflete sobre práticas de reelaboração estética, formal e discursiva. Os resultados indicam que essa contra-assinatura do leitor cria novos marcos na história da relação autor-leitor, transformando modos de legitimação da literatura e favorecendo uma democratização do acesso e da produção.

Desejamos boa leitura a todos!